

MARIO DUARTE

OVOS MOLLES

— E —

MEXILHÕES

BESBELHOTICE MENSAL D'AVEIRO

COM QUATRO PALAVRAS DE

FIALHO D'ALMEIDA

N.º 1 — MARÇO DE 1893

AVEIRO

IMPrensa AVEIRENSE

1893

08
282

MARIO DUARTE

OVOS MOLLES

— E —

MEXILHÕES

BESBELHOTICE MENSAL D'AVEIRO

COM QUATRO PALAVRAS DE

FIALHO D'ALMEIDA

N.º 1 — MARÇO DE 1893

AVEIRO

IMPRENSA AVEIRENSE

1893



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

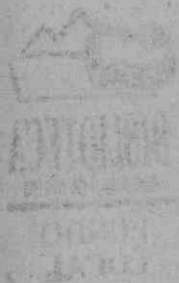


BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL



bibRIA



QUATRO PALAVRAS



A maledicencia foi dada ao homem não só como estímulo mas também como distracção ; porque é commentado os ridiculos dos outros que o homem aprende a corrigir os seus, e é deformando a monotonia da vida pela troça que elle consegue fugir á tristeza da realidade agreste que o rodeia. N'esta conformidade, e sem por forma alguma pensarem em crear para a ironia formas imprevistas, vão os redactores d'este jornal tentar um esforçosinho de má lingua que os ajuda a romper a atomia sentimental das terras pequenas, a sorrir á mocidade o seu riso sceptico e vermelho, e a espicaçar o bicho proximo com a garrocha do escarneo, unica que hillaria a trincheira e resigna a saude pela explosão d'uma franca carcachada.

Quando se diz que os **Mexilhões e Ovos molles** são um jornal de maledicencia, bom será

presupôr que os redactores não abdicam, pelo facto de caricaturistas, do seu papel de cavalheiros, nem tam pouco estão dispostos a tomar maledicencia no sentido peor de diffamação. Alli está por exemplo aquelle proprietario obeso, com a barba e a bossalidade em passa-piolho sob o queixo, legitimo filho da rotina soez do burgo que o aviscondalhou nas ultimas eleições.

Alli está aquella langorosa menina, educada a pão com manteiga e a folhetins francezes, e affeita a decipar á familia a charada pornographica do *Pimpão*. . . Aquelle bacharel de bigodito e joanetes, fructo da deliquiscencia coimbrã, que arrematou por meio preço todos os corações com escriptos da cidade. . . E o deputado, o advogado, o admnis-trador, o amanuense, todos os ridiculos preponderantes das terras de provincia, pimpam-pum da chacota da tabacaria e da botica, que é necessario pôr á esquina da rua com um relógio no ventre e um bico de gaz na cachimonia, achincalhar, demolir, como quem demule, para a passagem d'uma estrada, um muro velho.

Mostrar na ponta d'uma tenaz, uma por uma, cada qual d'estas estapafurdias celebras, crival-as de chalaça como quem criva um sapo d'alfinetes, tal se nos afigura a missão salutar d'este pampheto, e para isso contamos com a humorada desinvolta dos

collaboradores oraes que temos muitos, e com a benevolencia d'uma terra onde a má lingua é quasi tão antiga como a ria. Explicado isto, *tarátatchim!* toca a subir o panno p'ros fantoches.

FIALHO D'ALMEIDA.

ANTES DO PANNÃO SUBIR

Não ha ninguem no paiz que d'Aveiro não conheça os *ovos molles*, *mexilhões* e as *tricanas*. Desejava para mim estas ultimas e, para que me não chamem egoista, algumas d'ellas para os meus leitores; para estes apontamentos sem valôr nem merito queria ora as doçuras dos *ovos molles*, ora a ardencia dos *mexilhões* de caldeirada com bôa doze de pimenta.

A isso não chego; o contrario porém que succeda e tal é o meu intento.

MARIO DUARTE.

SUMMARIO

*Simphonia da Primavera — A Policiã e os cães — A serração da Velha — A eleição da Comissão districtal — Soccorros a Naufragos — Exportação de laranjas — Tres livros novos: o **Piano**, **Ensaios** e **Tristia** — Outra vez a policia e as sopeiras — Algumas palavras a proposito de uma moldura — A Feira de Março.*

CVOS MOLLES E MEXILHÕES

I

Primavera gentil eu te saúdo !!

Nos rostos tristonhos, sob os pesados dias de inverno, começa agora a transparecer uma pontinha d'alegria, que abril e maio farão desabrochar em francas gargalhadas; rapazes e raparigas envergam as suas *toilettes* claras para te saudar a ti formosa Primavera, rainha das estações, embora alguém já te tenha chamado *patifa*.

Milhares de milhões de variados malme-
queres começam a matisar a verde relva que,
como um tapete, cobre a extensa planície que
nos circunda, até ir mergulhar n'outra pla-
nicie mais vasta ainda chamada — *marinhas*
— por emquanto cobertas d'agua. Dos peque-
nos combros, que rodeiam esta pequena cida-
de, onde bandos alegres de passaros vão sal-

tando de ramo em ramo, vêm-n'os um conjuncto harmonioso de sons, que vae perder-se ao longe, supplantado talvez pelos cantares das gentis lavadeiras, que de saias arregaçadas e braços nús, vão batendo distrahidamente as suas brancas roupas.

Já trina nas balseiras o solitario rouxinol; e altas horas da noite, por sob a transparencia dos vidros, vêm-se assomar ás janellas vultos femininos, onde brilham olhos indiscretos, sobresaltados pelo tom plangente do fado choradinho, dedilhado nas guitarras e bandolins por noctivagos bohemios, que a proveitando as doçuras da noite, vêm dar expansão ás suas almas d'amantes e interromper o somno das suas namoradas n'um momento talvez, em que a sua caprichosa phantasia as transportava a novas regiões d'amor e de ventura.

No entanto na cidade, onde o ambiente impregnado do bello cheiro das accacias nos mostra toda a efflorescencia primaveral, predomina ainda quasi em todos os rostos um certo ar sombrio, que nada condiz com o aspecto que a natureza nos apresenta.

Debaixo dos *Balcões*, ponto de reunião de todas as classes, commenta-se e discute-se a terrivel lei canina posta em execução pela policia civil, que vae matando incessantemente quantos cães encontra pelas estreitas ruas da cidade.

Até o Marques Villar, o da *Sombra*, no seu catholico jornal *Os Successos* ameaçando a policia faz successo em locaes plangentes, chorando a morte do seu *Marques*, segundo elle, um bello cão e amigo d'infancia e segundo outros seu collega de redacção. Oh! Mas a vingança não tardará! Ou elle não fosse Marques Villar!! Atraz do *Marques* seguem-se outros fulminados pela strichnina municipal e vêem-se morrer a cada passo bellos animaes caninos com o respectivo numero de matricula.

Fazendo côro com o Villar protesta nas suas columnas toda a imprensa local; folgam de contentes os miseraveis fraldiqueiros e lazarentos cães vadios, a quem a policia respeita talvez por serem filhos de paes incognitos; vae na rede dos assassinatos caninos a minha pobre cachorra, Terra-Nova legitima, toda cheia d'innocencia e de candura, que nem nome tinha ainda, morta á porta do hotel, ao pé do meu bruto criado!!

Dia d'hécatombe geral foi elle!; pois até ao proprio Vice-presidente da Camara foram matar dois bellos cães de guarda; indignado contra tal procedimento n'um catilinico discurso na subsequente sessão protesta o dr. Alvaro de Moura contra os nefastos crimes, chegando mesmo a pedir indemnisação de perdas e damnos!! dando isto em resultado ser suspensa a terrivel lei canina.

Não se arrependa porém a policia ; pro-siga sempre e exterminie de vez alguns *cães* que eu e alguns amigos por ahi temos e cujos são da mais pura raça.

Feito isto, creia o sr. Commissario que dava uma satisfação plena ao publico, rehabilitando-se para a sociedade, que o não vê com bons olhos. De tal sorte beneficiados, nós reconhecidos, só tínhamos a agradecer tão gentil fineza ; e mais tarde, ao escrevermos a biographia dos commissarios da terra, a pagina que lhe dissesse respeito seria encimada por estas palavras em caracteres maiusculos :

bibRIA
O MATA CÃES

Manuel Pinto Victor 2.º commissario de policia por S. M. (que Deus guarde) Manuel Firmino d'Almeida Maia, conselheiro e muitas coisas mais...

II

A *serração da velha* foi este anno para Aveiro um verdadeiro acontecimento ; o carnaval que entre nós corrêra animadissimo, dispozêra os animos para a pandega e quando chegou o dia 8 de março estava tudo a postos.

Verdade é que se não realizou a tal *batalha de flôres*, que os jornaes tanto tinham annuciado ; em compensação tivemos o baile do Gremio, que foi sem duvida uma festa de primeira ordem, chegando a supplantar o que alli se dera por occasião da estada de S. M. o sr. Infante D. Augusto.

A ornamentação das sallas de muito bom gosto ; e a ceia, composta das mais finas eguarias satisfez plenamente os estomagos mais exigentes ; e nem outra coisa era de esperar dos cuidados e esmero do nosso Vatel, o sr. Fortunato d'Almeida, tenente de cavallaria 10, que na arte culinaria é um verdadeiro marechal, commandando todo o seu estado maior de perús, lagostas, etc. dos quaes nos deu acepipes que nada ficam a dever aos do Bergamin, ou do famigerado Matta.

Trinta ou quarenta senhoras appareceram *costumêes*, quasi todas de ciganas e espanholas com pouco salero, que Firmino de Vilhena cantou em estrophes, algumas d'ellas bem bonitas ; muitos rapazes com casacas

de todas as côres, epochas e feitios parecendo, alguns d'elles, criados de casa rica em dia de recepção.

E no turbilhão das valsas era triste notar que, áparte alguns elegantes *tripeiros*, que inesperadamente nos appareceram e alguns outros mais ou menos *habitués* d'Aveiro, nenhum dos *gommosos* indigenas valsava a tres tempos!! Nos tempos que vão correndo constitue isto um crime de lesa-elegancia!; será bom andar com a epocha e lá para o verão, ao debandarem para as praias vizinhas da Barra, Costa Nova e S. Jacintho, quasi exclusivamente colonias d'Aveiro, mostrar aos raros banhistas que vão de fóra que são elegantes ao menos n'alguma coisa!!

Adoptem o alvitre que lhes vou propôr: promovam entre todos uma subscripção, o que deve ficar barato fazendo de conta que não receberam um mez dos seus ordenados, e mandem vir de Lisbôa o popular Justino Soares, que ao fim d'algumas semanas, sem receio de o desconsiderarem na fama de que elle anda precedido, como quem exhibe uma collecção rara de fantoches os apresentará em pé de dança... a tres tempos, claro é.

A eleição da Comissão Districtal foi durante o mez o acontecimento politico do districto.

Os tumultos levantados na primeira reunião para tal fim convocada, deram em resultado a convocação de nova assemblêa.

Na vespera do dia designado para a eleição chegaram varios eleitores dos respectivos concelhos, e de Lisboa veio a toda a pressa para dar as ultimas ordens o dr. Barbosa de Magalhães.

Reforçada a guarda da cadeia, de maneira que a cada eleitor correspondesse o competente soldado e posta de prevenção no atrio do governo civil uma força de policia que disfarçadamente alli se tinha introduzido, divison-se ao longe o lanigero grupo de eleitores progressistas commandado pelo Barbosa de Magalhães, que de chapen alto e *toilette* clara comprimentava radioso a multidão, que a essas horas se encaminhava para a *missa das onze*, a do *hygh-life* da terra.

Mas eis que duvida cruel lhes tortura o espirito! Propalára-se á ultima hora que o presidente da assemblêa iria contra o decreto do respectivo ministro, que mandava fazer a eleição por escrutinio secreto, pois que a sentença do juiz da comarca mandava proceder em contrario e só um accordão do supremo tri-

bunal administrativo poderia revogar a dicta sentença. No entanto á hora marcada, na sala das sessões da camara, lá se achavam todos os eleitores; e quando o presidente declarou que por escrutinio secreto se procederia á eleição nos rostos da maioria se diviso, em signal de jubilo, um sorriso de irrefutavel contentamento.

E quando o secretario ia pausadamente chamando um por um todos os eleitores, um d'elles, commendador rubicundo e ministro da egreja levantou-se, e com passos cadenciados entregou a sua lista, revelando no seu proeminente abdomen de gastronomo sem rival a plena satisfação de quem tinha sabido comer os seus adversarios.

Terminara a tarefa eleitoral. Da missa das onze sabia a multidão; no largo de José Estevão estacionavam os retardatarios que na egreja já não cabiam; e elles os vencedores, orgulhosos do triumpho alcançado, debandavam como bando alegre de pardaes de volta aos seus ninhos, lançando ás raparigas olhares de quem tudo era capaz de vencer!!

IV

As providencias do illustre governador civil, o Ex.^{ma} Sr. Visconde de Balsemão, tentando pôr em execução um decreto do sr. Ferreira do Amaral, quando ministro na tão triste situação Zé Dias, e que diz respeito a = Soccorros a naufragos = honram sobjamente sua excellencia e oxalá possamos vêr coroados, dentro em pouco, com bom exito os seus esforços e os da commissão para esse fim já nomeada.

A barra em pessimas condições não se presta a deixar entrar navios de grande lotação. Torna-se indispensavel e urgente a aquisição de uma draga, outora aqui existente, mas emprestada para as obras hydraulicas de Vianna do Castello por onde até agora ficou.

A compra de um barco salva-vidas é tambem, no meu entender, de grande neccesidade, e, no tempo das vaccas gôrdas, quando ministro das obras publicas o sr. Emygdio Navarro chegou este estadista a promettel-o e a encomendal-o.

Mudaram porém os tempos, e esse poderio de oiro e riquezas passou, deixando adeante de si vestigios bem frisantes d'uma desgraçada administração; melhoramentos pequenos, que nada então custavam a fazer, puzeram-se de parte e só se pensou na construcção de obras grandiosas, que legassem á posteridade

e á historia o nome immorredoiro dos audaciosos ministros,

E o salva-vidas, que não salvou ninguem, perdeu-se tambem na borrasca immensa dos questões financeiras, que depois sobrevieram, indo talvez arribar ás praias inglezas.

Gasta-se dinheiro sem conta ; e quando se pode auferir resultado benéfico d'algum que melhor se gastou, surgem sempre mil e mil difficuldades fundamentadas sem duvida na despeza obrigatoria de mais meia duzia de vintens, o que nas circumstancias actuaes se chamaria decerto esbanjamento !!! Qual será a razão porque não funciona o novo pharol da barra, agora que elle já se acha construido com todos os seus accessorios ?

Mas com o que não conta a illustrada commissão é com as difficuldades que têm a vencer para adquirir algum peculio para os *Soccorros a naufragos*, embora n'isso seja auxiliada pelas commissões locaes, o que não crêmos.

Os beneficios, os espetaculos, os donativos a favor de tão phylantropica ideia, hão de faltar necessariamente n'um meio como este, onde só com muita constancia se consegue levar por deante qualquer trabalho iniciado de reconhecida utilidade.

Não será decerto com o peculio juncto nas caixas de esmolas, onde em lettras mal pintadas se lê = *Soccorros a naufragos* =, ex-

postas n'algumas egrejas e capellas, que a commissão conta comprar as diagas e o salva-vidas; principalmente se todos os sacristães forem como um meu conhecido, que joga o *trinta e um* com o orago da freguezia, e quando tem liquidado o producto das esmollas existentes nas caixas, diz para o santo com um ar piedoso e compassivo:

— Estás hoje com pouca sorte!

E vae mettendo ao bolso as economias do santo, para ir na proxima taberna beber dois litros em companhia do padre cura!

A phylantropia d'alguns fieis mais devotos é reservada por estes, para a Senhora do Livramento ou da Saúde, que os livrou de soldado ou de maleitas; por aquellas, para a nossa Senhora das Dores ou do Bom Successo que as fez conceber, por obra e graça do espirito santo, sem auxilio de medico ou de parteira.

Posto isto e como nas circumstancias actuaes o governo de sua magestade não auxiliará decerto a commissão, seria bom vêr se do cofre dos inundados se obtinha algum donativo; o que estamos certos o sr. governador civil, com a sua influencia palaciana, e como presidente da mesma commissão, conseguiria embora com alguma difficuldade.

V

A exportação de laranja para Inglaterra é n'este mez uma importante fonte de receita para o pequeno commercio d'Aveiro; e este mesmo genero de negocio, ainda ha poucos annos em larga escalla, encontra-se actualmentemente muito limitado.

Ranchos d'alegres raparigas sentadas á volta de montões de laranjas, vindas dos arredores e depositadas em espaçosos armazens, embrulham em papeis de variadas côres aquelle precioso fructo, que por seu turno passa para as mãos de outras raparigas, a fim de ser empacotado nos respectivos caixotes.

E apesar da multa que ellas á porfia fazem pagar, limpando com os seus lenços as botas dos visitantes, que se atrevem a transpor o limiar do armazem, nunca estes lá faltaram tentando sempre com dictos amorosos conquistar os corações das tricanas mais galantes.

Centro de bisbilhotice indigena, tudo alli se discute; as novidades do dia vêm uma a uma para serem commentadas e para todos emmittirem a sua opinião, onde sempre entra a má lingua.

Como se fôra um serão d'aldeia umas cantam, outras riem e outras fazem amor, lançando aos amantes concupiscentes olhares; e quando apparece algum visitante de guitarra a tiracóllo, são com a devida auc-

torisação suspensos os trabalhos, para dar lugar ás dansas.

Envenenem as laranjas d'exportação, e em pouco tempo dizimarêmos uma boa parte d'esses piratas do norte que pouco a pouco nos vão espoliando de tudo o que de melhor possuimos.

V I

O *Piano* do sr. Carlos Faria: assim se chama um livro recentemente publicado, genero da edição Guilhaume com encadernação de luxo.

Escriptor já bastante conhecido no nosso pequeno mundo litterario, deu-n'os em tempos no *Districto d'Aveiro* chronicas de critica local, dando lugar a que o mesmo jornal perdesse por isso alguns dos seus assignantes.

Mais tarde apparece a *Locomotiva*, que poucos mezes durou, do qual o sr. Carlos Faria era redactor principal e onde collaborou Luiz de Magalhães; e na *Chronica Moderna*, revista de critica illustrada, figura entre os nomes mais illustres na nossa litteratura o do auctor do *Conto de Reis*.

No genero de critica humoristica, taes como são as suas chronicas, é sem duvida o sr. Carlos Faria escriptor de reconhecido merito; mas para escrever um romance faltam-lhe qualidades essenciaes, embora por vezes seja elegante na forma, gracioso no dialogo e original na observação critica.

No *Conto de Reis* em que descreve primorosamente a vida d'Aveiro, Espinho e a *kermesse* na Figueira, ainda que a má lingua a diga mais ou menos plagiada das *Praias* de Ramalho Ortigão; e no *Piano* as scenas passadas na Beira, n'esses capitulos mostra-nos o auctor que o espirito de observação, que n'elles se nota, lhe falta em geral nos restantes. Quero-n'os parecer que o sr. Carlos Faria deseja criar uma escola sua, o que prova mais uma vez as suas excentricidades, como até indicam os titulos dos seus romances.

No seu livro o *Piano*, querendo fazer um estudo naturalista, creou o auctor um tal Olympio ou Cabral, como lhe queiram chamar, protagonista do romance, que teria muita razão de existir n'um livro de Terraill ou de Montepin; parece-n'os o mesmo que Gervasio Lobato nos mostrou no seu romance o *Grande Circo* escripto em folhetins no *Seculo*!

Pois é lá crível, que n'um meio como Lisboa, onde todos mais ou menos se conhecem e onde se sabem os detalhes mais minuciosos

da vida de cada um, é lá crível que um elegante como Cabral educado em Paris, conhecido em toda a alta sociedade, se disfarce sob uma sobrecasaca rafada e uns oculos azues, e vá dar lições de pianno, que tocava magistralmente, ás casas ricas onde á noite davam reudez-vous pessoas elegantes suas conhecidas, sem que nenhuma d'ellas o reconheça?

E a tia, velha fidalga millionaria, de quem Cabral era o futuro herdeiro, sabendo do estado precario do sobrinho, não lhe daria de certo uma mesada com que elle pudesse viver desafogadamente?

E o Gomes, pae de Emma, sua filha unica, costumado a satisfazer-a em todos os caprichos ainda os mais pequenos, lá parte duas vezes para Paris, fugindo com a filha ao pianista, por quem esta estava apaixonada, sem manifestar ao pae a menor contrariedade, chegando-lhe até a parecer curta a viagem!!

O final do seu livro é um desastre completo, no qual o auctor chega ao não ser coherente com o que escreve nos capitulos anteriores.

Então alguém acreditará que um elegante como Cabral, d'uma educação finissima, fallando correctamente umas poucas de linguas, chegando até como pianista a prender as atenções nas sallas onde entrava, deixe de ser amado por Emma, que já sabia da herança da tia e cujo pae gostava então do ca-

samento, porque Cabral lhe escreve umas cartas ainda mais piégas de qualquer amanuense de secretaria!

E' espantoso!

Quem estiver já farto de ouvir tocar piano a meninas chloroticas e rachiticas, acompanhando a recitação do *Noivado do Sepulchro* em salsifrés de 4.º andar, depois de lêr o livro do sr. Carlos Faria, nunca mais poderá ouvir tocar tal instrumento; conhecendo bem os auctores celebres de boas musicas e de bons pianos, chega o *Piano* a parecer um réclame ás casas manufactoras de taes artigos!!

— Os *Ensaaios*, livro de contos, são obra de um novo—Renato Franco, um romantico um sentimental; e embora não n'os mostre no seu livro a impressão que d'elle temos, e diga claramente que os seus *Ensaaios* não militam em nenhuma das escholas, nunca seria na moderna eschola inductiva—o realismo—que Renato Franco sentaria praça.

Quem conhecesse alguma producção litteraria anterior de Renato, como por exemplo as suas chronicas = *A' volta d'Aveiro*—inser-tas na *Soberania do Povo*, esperava d'elle muito mais; e n'esse numero estava eu, que julguei iria mais longe, do que não foi, no seu primeiro livro.

Os santos missionarios, conto com que abre, é a sua essencia tirada d'um conto do falecido escriptor e distincto polemista Alexan-

dre da Conceição, que no seu livro=*Notas*= ensaios de critica e de litteratura sob a designação geral de=*Alguns typos da minha terra*= nos descreve *Thomé Ronca*, conto o que alludo.

E ha annos, n'um folhetim do *Districto d'Aveiro*, appareceu uma chronica, datada da Costa Nova. de Carlos Faria, contando veridicamente a valentia do marinheiro que salvara os seus companheiros, da mesma maneira como agora Renato na primeira parte dos *missionarios*.

Os *ninhos* é puramente um conto infantil. Estava mesmo a calhar na cartilha de Monteverde ao lado d'aquelle que, se bem me lembro, principia assim: *um menino mal intencionado lembrou-se um dia d'afogar um cão etc.*

De resto os seus contos têm por assumpto themas já muito velhos e gastos e que no seu livro não prendem nem pela fórma, nem pela observação; ainda que, como diz Luiz de Magalhães, os *Ensaíos*, com todas as hesitações e inexperiencias d'um noviciado, têm qualidades muito apreciaveis.

Continue porém o auctor, que novo como está, póde ainda vir a dar-n'os trabalhos de mais merecimento, com os quaes firme de vêz o seu nome de litterato. Já que fallo de livros direi duas palavras a respeito do *Tristia* de Anthero de Figueredo, meu antigo compa-

nheiro nos bancos da Universidade, os quaes abandonou para ir procurar em Davos-Platzz, um sanatorio da Suissa, allivio aos seus padecimentos.

E é verdade que o meu espirito irrequieto e refractario ás grandes impressões, deixou-se emocionar pelas palavras de Anthero de Figueiredo, todas repassadas de amarguras e tristezas.

Quem teve como eu um irmão, de quem se era amigo verdadeiro, e o vê morrer aos dizenove annos, na primavera da vida, na Serra da Estrella sem confortos e sem os carinhos da familia, hade necessariamente impressionar-se com as palavras sentidas de Anthero Figueiredo—um tuberculoso, um predestinado.

As poucas paginas de seu livro devem ser lidas cadenciadamente, imprimindo á voz o tom plangente que as grandes dôres exigem.

Ter conhecimento do terrivel mal que passo a passo, dia a dia, nos vae consumindo a actividade, a vida e até a alma sem se lhe poder oppôr um dique, deve ser uma tortura cruel, um constante martyrio ao qual só um sentimento extraordinario—o amôr=synthese de todos os outros, póde dar algum lenitivo.

Por isso no *Tristia* se lê :

*Vou ás vezes pela rua fóra revendo
ainda uma vez, certo sorriso de mulher*

amada, ainda uma vez sonhando n'um verso, que n'outro tempo me impressionára.

.....

E mais adeante:

.....

Tivera eu, ao menos, um labio de mulher que me balbuciasse caricias á hora dos meus desalentos !...

Mas quando a doença os levar a um tal grau de desesperança, que nem o coração feminino, nem o amor de familia possa já emocionall'os, elles, que eram bons e amantes, tornar-se-hão em scepticos, para descrever da concepção superior do amor, da familia, da sociedade e quem sabe se até de Deus, essencia fundamental de tudo quanto ha de mais bello.

Como eu vos invejo !, diz elle, sobretudo o socego do nosso olhar que não discute, se para além alguma coisa existe.

Como se vê pois o *Tristia*, com muitas incorrecções, é obra de um doente, descrente ambicioso, que só vê nos outros a felicidade; e as côres mais vivas sahem alli tão esbatidas e sombrias, que bem mostram claramente a preoccupação constante de quem nunca poderá alcançar o Ideal, que só sonhando consegue realisar.

VII

A medida policial prohibindo a permanencia do sexo forte juncto ao chafariz dos *Balcões*, veio tirar ás sopeiras uma garantia, que embora não prevista na Carta, tinha já fóros tão tradicionaes e tão antigos, que só uma ingusta lei poderia revogar.

E quando ellas ainda no comprimento de um dever vêm procurar allivio ás suas magoas, tentando distrahir-se na conversa geral da fonte, ponto obrigado de bisbilhotice, encontram-se privadas d'um dos seus mais divertidos passatempos!!

Quebrada pois a autonomia das sopeiras, está de lucto o Fernando Nogueira, o qual deixando em Grandola o tabellionato e o Jacintho Nunes, corria pressuroso a tomar posse do seu lugar tão querido á esquina do chafariz e que elle jámais deixará usurpar.

Já lhes não paira nos labios o sorriso que tinham sempre espontaneo para os *habitués* mais felizes; uma nuvem de tristeza enche o coração das sympathicas raparigas e de soslaio lançam olhares furibundos aos policias, ao Comissario e até ás vezes ao Governador Civil, que tão injusta lei fez executar.

Ha poucos dias, estacionando um grupo a alguns metros da fonte, veio um policia dizer baixinho ao sr. Administrador do con-

celho, que se tirasse d'alli, que não impedisse a passagem !

Um cumulo !

Emfim são *ordres* . . . e hão de cumprir-se.

A má lingua porém começa já a desvendar o mysterio; e ha até quem diga que os velhos frequentadores da *Pardinha*, em representação dirigida ao sr. Governador Civil, lhe pediam com ardentes supplicas, prohibisse a assistencia dos rapazes á volta do chafariz, allegando que as sopeiras lhe faltavam á noite, em casa, com os carinhos por elles reclamados !!

Ha muitos meios de fazer conquistas; privar porém os novos em proveito dos velhos, é decerto bastante duro, e principalmente muito *fin de siècle* !!

VIII

A exposição de uma moldura em carvalho, desenho do professor João Romão, que appareceu n'uma *vitrine* da loja do sr. Eduardo *Pinheiro*, centro de reunião dos regeneradores da cidade, veio revelar-n'os mais

uma vez a rara habilidade do artista sr. Antonio Augusto, do qual ainda ha pouco tempo vimos uma quartella em mogno, obra de merecimento, feita de proposito para a nova habitação do sr. Mendonça Barrêto.

E' triste porém, que um artista de reconhecido mérito, não possa executar trabalhos de maior folego, porque a isso o não ajuda o meio em que vive; faltando-lhe até os instrumentos proprios para a sua completa e perfeita execução.

Aveiro não é decerto uma região industrial; existem contudo algumas fabricas e entre outras, a da Vista-Alegre, tão conhecida do paiz, a da Fonte Nova, fundada ha oito annos e que ainda em Janeiro passado nos deu nas sallas do Gremio uma elegante exposição dos seus trabalhos, que sendo pouco originaes, rivalisariam com a loiça das Caldas e outras fabricas, cujos modelos copiou, se os fornos de que actualmente dispõe fossem mais aperfeiçoados.

A eschola industrial de Portalegre que nem alumnos têm, creio eu, teria mais razão de existir n'esta cidade habilitando nos diversos ramos de desenho alumnos, que depois teriam sem duvida logar certo n'uma fabrica; e a Vista-Alegre que ainda ha pouco mandou vir do estrangeiro um novo mestre, poderia n'uma eschola industrial aperfeiçoar os seus

operarios, sem que fosse obrigada a fazer despesas de tal ordem.

Mas a maneira como o ensino profissional é feito nas nossas escholas industriaes descreve-o perfeitamente o brilhante escriptor Fialho d'Almeida nos ultimos capitulos do seu livro recentemente publicado a = *Vida Ironica*.

Alguns moveis antigos que os poucos ricos proprietarios possuem, têm sido muitos d'elles restaurados por artistas da cidade, e embora não muito perfeitos, mostram comtudo que tendo uma orientação systematica desde principio, o operario d'Aveiro, em geral intelligente, era capaz de executar trabalhos, que honrariam sobejamente a sua classe.

IX

A feira de março é a Babylonia d'Aveiro.

No largo de S. João, vulgo Rocio, onde a cavallaria costuma ás vezes fazer exercicio, dispoem-se systematicamente grandes arruamentos de barracas, onde centenaes de commerciantes indigenas e de fóra expõem ao pu-

blico milhares de productos differentes, quasi todos de industria nacional.

No seu genero é a feira de março a mais importante do districto; desde a Barra ao Caramulo e de Coimbra a Ovar, n'esta area enorme que rodeia Aveiro, corre todo o povo pressuroso a gastar algumas economias, realisadas durante o anno à custa de bastantessacrificios.

E deixa o bom do povo de comprar os objectos de que precisa nas feiras que têm ao pé da porta, para vir de proposito à de *março*, onde ás vezes bem adquirir esses objectos por mais elevado preço, sem contar as despezas de comboio ou diligencia, os mantimentos e as prendas que no regresso têm de levar á familia!!

A' entrada da rua principal, que se estende como um funil dando ingresso na feira, deveria ser levantado um solido tablado, onde Gamellas, Santo Thirso e Sollivaud, trindade colossal de obesidade, annunciasssem aos forasteiros as raridades extraordinarias da patria dos ovos molles.

Lá estão, senhores, na loja de modas do Abreu, os *miscaros*, de ponta de charuto ao canto da bocca, accesa depois do jantar, durando até ao outro dia; com os seus chapéus finos prehistoricos ao domingo, lustrosos á força de petroleo, sancta receita caseira. De frente, juncto á barraca do Fontes, o *enragé*

republicano com barbas de porta-machado, lá estão os terríveis da *companha, coradinhos* e *descoradinhos* tão conhecidos na cidade; e uns e outros lançando ás tricanas e meninas, que fazem da rua escola de picadeiro, olhares de soslaio ás escondidas das mããs, como quem mette n'um toiro um par de bandarilhas a *quarteio*. Lá se vê mais adiante, cheirando a coiro, de suissa ou barba á passa-pielho, o typico commerciante do Porto menos falsificado que o vinho seu patricio; a seu lado o genuino caixeiro tripeiro de gravata tricolôr com o retrato de João Chagas e chapéu á alferes Malheiro, chamando a attenção dos feirantes com as suas características terminações em *ão*.

E é vêr, a ingenuidade com que o bom povinho, para comprar um Christo o acha defeituoso, escarnecendo d'elle, com o fim de conseguir obtel-o por um preço relativamente barato. Divisa-se ao longe, no fim da feira um enorme barracão, onde a popular companhia Dallot exhibe ao publico as suas magicas de grande espectaculo, nas quaes mulheres prenas fazem d'ingenuas e vice-versa. O local da feira é sem contestação, durante quinze ou vinte dias, o ponto obrigatorio de reunião de todas as classes, incluindo o sexo femenino.

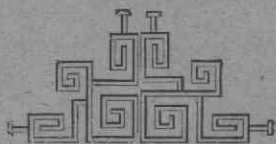
Meninas que nós nunca vimos durante o anno, lá se encontram accompanhadas pela

velha mãe, fingindo que fazem compras e pedindo aos caixeiros amostras de todos os tecidos, que guardam cuidadosamente, para depois fazerem tapetes multicôres, com os quaes presenteariam os namorados em dia de seus anniversarios.

A epidemia de velocipedistas assolou este anno a feira, chegando nòs a crêrmos que alguns d'elles faziam parte de exposições de pim-pam-puns fugidos dos barracões.

Vista pelo lado commercial, com a circumstancia desfavoravel da semana sancta, deixou a feira muito a desejar; á excepção das casas de pasto e das tabernas, que vão contando dia a dia sempre maior numero de adeptos. Por isso o vinho está cada vez mais caro.!





PREÇO 100 REIS

